

O BOI LEIÇÃO

... e lá estava o velho rico, dono de uma fazenda muito grande. Entre o "gato" e o velho rico, havia uma grande diferença, ou seja, o "gato" era muito pobre, enquanto o velho rico era muito rico. Chama-se o boi, boi Leição.

E porquê também um vaqueiro que nunca havia feito nada de bom.

Um dia, o velho rico foi visitar um seu amigo, também muito rico, que morava numa fazenda enorme; e, ao sair de casa, teve ocasião de lhe dizer que tinha um vaqueiro que nunca havia mentido.

- Qual mais, compadre! Eu não acredito. Se eu que sou um homem branco e rico, sinto, quanto mais o seu vaqueiro!...

- Pois seu compadre, você pode mentir, eu não duvido; mas, eu lhe afirmo que o seu vaqueiro nunca mentiu nada.

- Então, compadre!...

- Não mento!...

- Então, vamos fazer uma aposta!

- Faço a aposta que o compadre quiser.

- Pois bem, então vamos apostar sobre os seus bois.

- Está feito.

- Mas tem uma coisa; eu só aceito a aposta com tinta e papel.

Então mandaram chamar o Juiz de "Mareito", o escrivão e o promotor, e passaram a fazer o prático no branco, com a assinatura deles, e de todas as testemunhas presentes. Mas o compadre que propôs a aposta e que tinha três filhas, às escondidas do outro, chamou a mais nova, que era a mais bonita de todas, e lhe disse:

- Minha filha, você vai fazer os gastos de seu pai. Siga por esta "compra-fim" até chegar na fazenda do compadre. Chegando lá procure a casa do vaqueiro, e arranje todos os meios para morar com ele. Uma vez em sua companhia, faça tudo para lhe agradar e iludir, e quando tiver três meses, desjaque o "gato" do boi Leição!... Pense bem, pois só se sabe se ele é depois que ele tiver mentado. E se o boi, que é o amor de uma mulher bonita, consegue tanto no mundo, quanto mais faz um vaqueiro pobre!

Direitinho como o pai lhe havia ordenado, mandou a filha. Quando chegou na casa do vaqueiro, não tinha ninguém. Sentou-se no batente da porta e ficou esperando. E de quatro horas de tarde, quando o vaqueiro apareceu trazendo um boi de

...vendo, de repente, no fim da estrada, ao longe, uma casa branca, vista tão
bonita.

- Mãe, eu vou agora, vou ali, vou para aquela parte lá!...

A mãe levantou-se e foi. Depois de um tempo, ela voltou, perguntou-lhe
a qualquer coisa, perguntou-lhe se estava bem. Ele respondeu que estava bem, que
estava bem, que estava bem, e ela ficou ali, esperando-o. Depois de um tempo,
ele voltou, e ela ficou ali, esperando-o. Depois de um tempo, ele voltou, e
ela ficou ali, esperando-o.

- Pois minha mãe, eu vou voltar, você também, entre para dentro e vamos falar
juntos.

Era o que ela queria!... E começou a viver juntos: a mãe está fazendo, no
arranjo de casa e nos carinhos que fazia ao vaqueiro, para lhe aguarar.

E passaram-se assim dias e dias, e de novo, mais, quando lá foram três semanas
a mãe deixou comer o "fígado" do boi Leão!...

- Não, mãe, eu não quero! O boi Leão é o "filho" do gado do meu pai.
É o boi da minha família. Você escolhe em toda a fazenda a mãe que quiser, que eu
quero, mas não o boi Leão!...

Mas ele tanto agitou, tanto pediu e tanto fez, que o vaqueiro não resistiu;
então o boi Leão foi o escolhido.

No mesmo dia, ela só mostrou mesmo uma pontinha do "fígado"; e no outro dia
quando o vaqueiro chegou de novo, encontrou a casa limpa!... A mãe tinha
fugido. E ao chegar em casa, antes de dar a mão ao pai, foi logo dando conta
do seu despendo:

- Fronte, meu pai, o vaqueiro do seu compadre matou o boi Leão!...

Não se contentando em si de satisfeito, o velho fazendeiro, depois de abraçar o
filho, começou a falar, mais que depressa, sobre a sela do cavalo e seguiu para a
casa do compadre.

- Filho "alvinto", compadre, eu o seu vaqueiro matou o boi Leão.

- Não se preocupe, compadre, não se preocupe, não se preocupe! Eu lhe afirmo
que não se preocupe, não se preocupe, não se preocupe!...

- É o que nós vamos verificar. Não me custa instante a matar o seu vaqueiro, e
vou decidir a nossa disputa. Eu quero ver se ele monta ou não o pai!...

O vaqueiro morava numa lóque distante. E quando o portador chegou em casa,

o pai chamou-o, encontrou-o no terreiro, desolado e de olhos vermelhos; e ele

programa é feita tão ao claro, tão esta percentagem histórica no qual via ao patrão
O'Neil e a família de São Paulo, e o orgulho de seu filho, e
"Lagô" de cidade, que "conquistou" a cidade de São Paulo e a família de São Paulo.

Saleu e covale, o fante, e a gente vive no mundo de acordo com as coisas.

— You're right, and you are!

- "Veja o m^o, meu va ueiro; - respondeu o próprio va ueiro pelo t^oco, que naquel
engalo havia as "veis" do patrão. Como deixou a nossa fazenda?

- Deizei tudo em paz, senhor meu amo; só assim vindo eu tua mãe tarde, duas
semanas depois, mas chegou a hora e acabou o Rei Leão!

... mas isso não é conversa de homem, não é história que eu conte ao meu patrão, que eu nunca menti... - disse o vaqueiro consigo mesmo. Estou perdido!...

Então "vestou" outra vez o cavalo, baniu-lhe as pernas novamente, riscou
enfrente o tóco e baniu:

- Don't lie, senhor you are.

- Deixe a mão, meu varueiro; como foi ou a mulher fazendo, tudo em paz?

- Tudo em paz, senhor meu amo; só estou vindo eu, uma boa tarde, dura bonita
verusijada, o Boi Leirão, que vinha na frente, despençou-se do bico dum "talião"
e "torou" o pescoço no baivão !...

Por isso é uma grande mentira. Eu não conto uma história dessa a meu amor.

E de novo "vartou" o cavalo, agarrou-o nas esporas novamente, e deu um encontrão tão grande no tóco, que estremeceu de cima abaixo:

- Bom dia, senhor meu amo.

- Deixa a mão, meu vaqueiro; como deixou a nossa fazenda?

- Tudo em paz, senhores meus amos; só assim um grande desgosto aconteceu:

Vinda eu, um hóe t-tin.

DDna bonita vagueljada.

apareceu na minha porta.

Achei wen "pilin_rino" agsantada:

No passar do seu instante.

Ví-lhe bonitas pernas e lindo rosto.

Palpitou-me o coração

For all water $\sigma = 0.0728 \text{ N/m}$ and $\rho = 1000 \text{ kg/m}^3$.

A festa do boi no Rio de Janeiro é muito antiga, e a tradição oral, em Viosa, Alagoas, é a seguinte: "O boi é o rei do mundo, e a festa do boi é a festa do mundo. A festa do boi é a festa do mundo, e a festa do mundo é a festa do boi."

(Colhido na tradição oral, em Viosa, Alagoas)

-José Maria de Melo.

O BOI LEIÇÃO registado em Viosa, Alagoas, é o mesmo BOI CARDIL, n.58 dos "Contos Tradicionais do Povo Português", de Teófilo Braga. Anotando-o, diz o autor (pag.207, 2ª vol) encontrar-se o mesmo na tradição da ilha da Madeira, denominado BOI BRAGADO, e a versão de Coimbra chama-o BOI RABIL. Informa ainda ter vindo o conto do Algarve. O criado explica ao Rei (o fazendeiro no Brasil):-"Perua alva/Corpo gentil/ Me fez a mim matar /O nosso boi Cardil". Na Madeira:-"Senhor meu amo/ Pernas altas e cara gentil/Me fizeram matar o boi Rabil". A variante brasileira que o sr. José Maria de Melo indica as bonitas pernas e lindo rosto, reminiscências da fonte lusitana. Aurelio M. Espinosa encontrou em Coria, na Espanha, a história espanhola, com o nome de EL TORO BARROSO. O final é assim:-"Buenas noches, señor amo. Y el amo respondia:-Buenas noches criado mio. Que tal las vacas ? Y el criado le decia:-Unas gordas y otras flacas. Y el toro barroso ? Florido y hermoso", talqualmente a versão do Rio Grande do Norte:-"Como vai, Quirino ? - Com a graça de Deus e o favor do meu amo ! - A obrigação ? - Em paz e a salvamento - As vacas ? - Unas gordas outras magras ! - E o Boi Barroso ? - Vai forte, valente e mimoso !". No fim da história espanhola traz versinho:-"Por unas piernas blancas y un fandango hermoso/Di el corazon del toro barroso". As versões de Portugal e Espanha não terminam com o casamento. CUENTOS POPULARES ESPAÑOL, n.48, vol.I, pg-101, Stanford, U.S.A.1923. Teófilo Braga junta bibliografia, dizendo que o BOI CARDIL está nos CONTOS SICILIANOS, de Laura Gonzenbach (n.VIII), sendo uma cabra em vez de um boi, assim como nos CONTOS DE POMIGLIANO, de Vittorio Imbriani, chamando-se o herói José Verdade. Os elementos da história ocorrem no GESTA ROMANORUM (cap.III); na fabula V, noite-III, das PIACEVOLI NOTTE, de Straparole; nos CONTOS TURCOS, pag-315, de Loiseleur des Longchamps, e em vários apólogos orie-

-tais, como o SCHEIK CHELLABEDDIN, no QUARTETA VISIRES, etc. Victor Chauvin, BIBLIOGRAPHIE DES OUVRAGES ARABES, vol. VIII, 166, Liege, 1904, divulga um resumo oriental com muitas fontes de textos. O écuyer sacrifica um cavalo de estimação do Rei. O conto é LA VÉRACITÉ (Saddyq). A. Loiseleur Deslongchamps, ESSAI SUR LES FABLES INDIENNES ET SUR LEUR INTRODUCTION EN EUROPE, 173, Paris, 1838, estuda igualmente o tema do grand écuyer Saddyq, o modelo dos nossos vaqueiros fieis.

Luis da Camara Cascudo, CONTOES TRADICIONAIS DO BRASIL, 250-257. 2a ed. Livraria Progresso Editora, Cidade do Salvador, Bahia. 1955.

-QUIRINO, VAQUEIRO DO REI.

Era uma vez um Rei que possuía fazendas de gado entregues a vaqueiros de confiança. Uma das melhores propriedades era confiada ao negro Quirino que tinha fama de não mentir. O Rei vivia gabando o vaqueiro, apontando-o como modelo de veracidade. Essa opinião despertava inveja entre os fidalgos e um deles, rico e poderoso, resolveu acabar com a celebridade moral de Quirino, vaqueiro do Rei.

Na fazenda de que Quirino se encarregava o orgulho do Rei era um boi barroso, bonito como não havia outro. Cada ano o vaqueiro ia até a casa do Rei prestar contas. Chegava, riscando o cavalo e dizia por aqui assim:

-Pronto, meu amo ! Aqui está Quirino, vaqueiro do Rei !

O Rei perguntava: - Como vai Quirino ?

- Com a graça de Deus e o favor do meu amo !

- A obrigação ?

- Em paz e a salvamento.

- As vacas ?

- Umaz gordas e outras magras.

- O boi barroso ?

- Vai forte, valente e mimoso !

O fidalgo disse ao Rei que Quirino era capaz de mentir. O Rei revelou a idéia.

- Vamos apostar, Magestade ?

- Pois vamos. Dez fazendas de gado, cem touros escavacadores e duzentas

vacas leiteiras com os chifres dourados ?

-Está apostado !

O fidalgo tinha uma filha muito bonita, chamada Rosa. Chamou a moça e contou a aposta. Por dinheiro Quirino não peca. Com ameaça, Quirino não peca. Abaixo de Deus, a mulher pôde com tudo que tem folêgo.

Rosa se vestiu como uma mulher do povo e foi até a fazenda onde estava o boi barroso. Encontrou Quirino e conversou com êle, fazendo tanto ~~trabalho~~ trejeito, dando tanta volta no corpo que o vaqueiro ficou alvoroçado e se apaixonou por ela.

Ficaram muitos meses vivendo juntos, andando para lá e para cá, no serviço do campo. Uma manhã Rosa disse:-

-Quirino, você gosta de mim ?

- Como demais...

-Quer bem ao seu filhinho que vai nascer ?

-Mais do que a luz do dia !

-Pois se não quiser que seu filho morra, mate o boi barroso que eu quero comer o fígado bem assadinho...

Quirino ficou assombrado mas obedeceu... Matou o boi barroso e a mulher comeu o fígado assado.

Dias depois era o tempo do vaqueiro ir até a presença do Rei. Rosa mandou dizer ao seu Pai que o boi barroso fôra morto.

Quirino vestiu a vestea de couro, perneira, gibão, guarda-peito, calçou o guante, pôz o chapéu na cabeça, passou o barbicacho, ^{no} montou o cavalo de confiança e galopou para a casa do Rei.

Foi viajando e pensando. Finalmente avistou o palácio e parou o cavalo. Que ia dizer ao Rei ? Era melhor preparar a conversa. Deu de rédeas, andou uns passos, riscou o cavalo e disse:-

-Chego e digo assim. Pronto senhor meu amo ! Aqui está Quirino, vaqueiro do Rei. Êle diz:-Como vai, Quirino ? Tu respondo:-Com a graça de Deus e o favor do meu amo ! A obrigação ? Em paz e a salvamento ! As vacas umas gordas e outras magras ! E o boi barroso ? Tu faço que estou trêste e digo - saiba el-rei meu senhor que o boi barroso saltou um serrapê e quebrou o pescoço...

Interrompendo-se, falava, alto, indignado;

-Isto não é palavra de Quirino, vaqueiro do Rei !

-Posso dizer que o boi barroso ia passando o açude e se afogou. Só pude salvar o couro.

-Isto não é palavra de Quirino, vaqueiro do Rei !

E, chega-não-quega no pátio do palácio do Rei, Quirino resolveu a questão. Pulou do cavalo, amarrou-o, subiu as escadas, pediu para falar ao Rei. Encontrou na sala e o Rei estava com o dito fidalgo que fizera a aposta, todo satisfeito, certo de ganhar.

-Pronto, meu amo !

-Como vai, Quirino ?

-Com a graça de Deus e o favor do meu amo !

-A obrigação ?

-Em paz e a salvamento !

-As vacas ?

-Umaz gordas e outras magras !

-E o boi barroso ?

-Saiba o senhor meu amo que o boi barroso deu o figado para o meu filhinho não morrer !

-Que história é essa, Quirino ?

Quirino contou toda a história e quando terminou, disse:-

-Assim é que fala Quirino, vaqueiro do Rei !

O fidalgo ficou preto de vergonha. O Rei findou dizendo:-

-Quirino, Vaqueiro do Rei, o que eu ganhei na aposta com esse amigo é o dote para casares com a mãe do teu filhinho...

O que estava feito, estava feito. Quirino casou com Rosa e foram felizes como Deus com os anjos.

João Monteiro.

Natal. Rio Grande do Norte.

È a variante norte-riograndense do BOI LEIÇÃO alagoano, BOI CARDIL e BOI BIL em Portugal, BOI BARROSO em Espanha. As notas estão no conto de Alagoas. No último diálogo do Rei com Quirino, o primeiro pergunta pela obrigação, sinônimo sertanejo, no nordeste brasileiro pelo ~~mesmo~~ menos família.

-Luís da Câmara Cascudo, CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL, 189-192.